



A participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico

The participation of black women researchers in the production of the scientific knowledge

Azânia Mahin Romão Nogueira

Estudante da oitava fase do Curso de Geografia da UFSC, Florianópolis, SC, Brasil.

Joana Célia dos Passos

Doutora em Educação. Professora no Centro de Educação da UFSC, Florianópolis, SC, Brasil.

Tânia Mara Cruz

Doutora em Educação. Professora no PPGE/UNISUL.

Resumo:

Este trabalho integra a pesquisa “Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN): a participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico” que busca examinar a participação das pesquisadoras negras na ABPN, na produção do conhecimento científico em geral e em relações raciais e de gênero. Para fins de apresentação nesse evento, identificamos artigos e comunicações que abordam de modo articulado raça, gênero e produção científica nos periódicos Cadernos Pagu e Revista da ABPN e nos eventos Fazendo Gênero e Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as. Após o levantamento realizado, foram analisados os artigos e comunicações contidos nos eventos e publicações produzidos pelos/as pesquisadores/as filiados à ABPN, procurando observar em que campos de conhecimento se inserem suas produções. Para uma melhor percepção destes campos englobados nesta análise, construímos um perfil dos pesquisadores, considerando, a partir da base cadastral da ABPN e da Plataforma Lattes, a sua formação, áreas de atuação e pesquisa e localização geográfica. Constatamos que as mulheres são maioria dos/as pesquisadores/as e que a grande área de maior atuação destas são as Ciências Humanas, onde a Antropologia Social e a Educação são os campos de maior presença. Outro aspecto importante é a pouca produção nos campos das Ciências Sociais Aplicadas e Ciências da Saúde. Percebemos também que as universidades da região Sudeste, pela localização e atuação destas pesquisadoras, é a que mais concentra a produção acadêmica referente às relações raciais e de gênero.

Palavras-chave: Pesquisadoras negras. Relações raciais. Gênero.

Abstract:

This work integrates the research “Black Brazilian Researcher Association: the participation of black women researchers in the production of the scientific knowledge” that seeks to examine the participation of black women researchers of the Black Brazilian Researcher Association, in the production of the scientific knowledge in general and about racial relations and gender relations. For purposes of presentation in this event, we identified articles and communications that address articulately race, gender and scientific production in the journals Cadernos Pagu and Revista da ABPN, and in the events Fazendo Gênero and Brazilian Congress of Black Researchers. After a review, we analyzed the articles and communications contained in the events and publications produced by

researchers affiliated to the Black Brazilian Researcher Association, seeking to observe on which fields of knowledge are inserted their productions. To better understand the fields encompassed in this analysis, we build a profile of the researchers considering, from the Black Brazilian Researcher Association's registration database and the Lattes Platform, their formation, fields of expertise and research and geographical location. We verified that women are the majority of researchers and the area of biggest activity of these researchers is the Human Sciences, where Social Anthropology and Education are the fields with higher presence. Another important aspect is the low production in the fields of Applied Social Sciences and Health Sciences. We also verified that the universities in the southeastern of Brazil, for the location and activity of these researchers, are the one that concentrates the academic production regarding race and gender relations.

Keywords: Black women researchers. Race relations. Gender.

Introdução

Apesar de não haver consenso em termos epistemológicos que especifiquem o que é de fato conhecimento científico, podemos dizer que como todo conhecimento, também se baseia em conhecimentos prévios adquiridos pelo próprio indivíduo ou herdado da comunidade em que ele se insere, incorporando um conceito novo sobre fatos ou fenômenos, através de paradigmas metodológicos científicos. Maria de Lourdes Siqueira afirma que a postura científica própria aos pesquisadores negros, alicerçada sobre sua cultura, não corresponde aos paradigmas científicos ocidentais eurocêntricos, paradigmas estes que ainda pautam a academia que estabelece “hierarquias, soberanias, hegemonias e dominações de seres humanos, grupos e sociedades sobre outros seres humanos, outros grupos e outras sociedades...”¹

A intelectualidade negra no Brasil está intimamente ligada com a trajetória dos movimentos negros no país², uma vez que as pesquisas também são utilizadas como ferramentas de luta antirracista, sendo responsáveis pelas rupturas epistemológicas e conquista de espaços de poder, dentro e fora da academia, atendendo às demandas desta parcela da sociedade. E quando falamos de mulheres negras, falamos de demandas ainda mais específicas que não se satisfazem por completo apenas considerando as questões de gênero nem apenas as questões raciais. Desta forma, é seguro dizer que a pesquisa científica protagonizada por intelectuais negros e negras é um dos elementos fundamentais para a mudança da sociedade brasileira, visto que a ciência, como um produto social, deve ir além de conhecer a realidade, interferindo nela, considerando que as explicações científicas possuem a capacidade de transformar o mundo³

Nesse sentido, no presente artigo, identificamos artigos e comunicações que abordam de modo articulado raça, gênero e produção científica nos periódicos: Cadernos Pagu e Revista da ABPN, e nos eventos Fazendo Gênero e Congresso de Pesquisadores/as Negros/as, procurando observar em que campos de conhecimento se inserem essas produções. Além disso, foram examinados os currículos lattes dos/as autores/as das comunicações e artigos analisados com a intenção de traçar uma primeira aproximação ao perfil destes/as. Esse breve levantamento

¹ SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Intelectualidade Negra e Pesquisa Científica*. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 1. 64p.

² SANTOS, Sales Augusto dos. *A Metamorfose de militantes negros em negros intelectuais*. Mosaico (Rio de Janeiro), v. 5, p. 1-25, 2011.

³ OLIVA, Alberto. *Filosofia da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 08.

bibliográfico integra a pesquisa “Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN): a participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico” que busca examinar a participação das pesquisadoras negras na ABPN, na produção do conhecimento científico em geral e em relações raciais e de gênero.

A Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as: breve histórico

A ABPN foi constituída em 2002 durante a realização do II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros que foi realizado em São Carlos, SP, com o objetivo principal de congregar e fortalecer laços entre pesquisadores que tratem da questão racial, direta ou indiretamente, ou se identifiquem com problemas que afetam a população negra e, principalmente, estejam interessados em seu equacionamento. A gênese de sua criação se dá a partir do I Encontro de Docentes e Pesquisadores e Pós-Graduandos Negros das Universidades Paulistas: A produção do saber e suas especificidades, realizado de 21 a 23 de setembro de 1989, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Campus de Marília. A principal preocupação do encontro foi proporcionar um momento de contato e trocas entre os docentes, pesquisadores e pós-graduandos negros das diversas instituições paulistas; garantir a inserção da questão racial na democratização do espaço universitário e possibilitar o intercâmbio e a inclusão de temas que resgatassem as origens africanas como a atuação de pesquisadores negros enquanto agentes sociais.

A realização deste primeiro encontro foi sucedida por um processo de emergência das discussões sobre a questão étnico-racial na esfera pública. Os anos 1990 trariam novas mudanças, o momento da Marcha Zumbi dos Palmares é o marco desse novo processo, que se caracteriza por uma maior aproximação do movimento negro com o Poder Público e um esforço para pensar propostas de políticas públicas para a população negra. As reivindicações e denúncias encontraram algum retorno por parte do governo federal. São exemplos: a implantação, por meio de decreto, do Grupo de Trabalho Interministerial⁴ (GTI População Negra), visando a estimular e formular políticas de valorização da população negra em resposta ao inventário sobre a situação do negro no país e um ‘Programa de Ações para a Superação do Racismo e das Desigualdades Raciais’ apresentado pelo movimento negro na ocasião da Marcha em Brasília, a criação, também por decreto, do Grupo de Trabalho para Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação e o lançamento, no dia 13 de maio, do Programa Nacional dos Direitos Humanos.

O compromisso do Brasil formalizou-se com as Convenções Internacionais assinadas pelo país, que representam compromissos assumidos e instrumentos que podem ser utilizados na pressão por políticas públicas comprometidas com a superação da discriminação racial. Os tratados também admitem a adoção de medidas especiais tomadas com fim de assegurar progresso adequado de certos grupos raciais ou étnicos historicamente desprivilegiados por razões discriminatórias.

⁴ A constituição do GTI é a de um colegiado formado por oito representantes da sociedade civil (oriundos do movimento negro) e dez representantes governamentais. O GTI se organiza em torno de 16 áreas, sendo a educação uma delas. Até hoje, o GTI não foi oficialmente extinto, porém encontra-se desativado, não se reunindo há algum tempo (JACCOUD E BEGHIN, 2002, p.14).

Após alguns anos os debates sobre a questão racial intensificaram-se no cenário político do Brasil, especialmente em 2001, devido ao processo preparatório para a *III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância Correlata*, em Durban, África do Sul, quando o assunto passa a fazer parte da agenda política nacional. Nesse contexto de emergência nacional e internacional a respeito da temática étnico-racial, bem como dos efeitos e limites do já denunciado mito da democracia racial foi acompanhado pelos pesquisadores negros nas instituições de ensino superior em todo o país. Assim, após onze anos do primeiro encontro em Marília, organizou-se o I Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE), realizado de 22 a 25 de novembro de 2000 em Recife.

Novos congressos se sucederam. O II COPENE foi realizado de 25 a 29 de agosto de 2002, em São Carlos-SP e aprovou por unanimidade, a constituição da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) (não restringindo a participação de pesquisadores não-negros). O III COPENE realizado em São Luis do Maranhão entre os dias 06 e 10 de setembro de 2004, ocorreu sob uma intensificação da luta anti-racista e com a adoção de cotas para negros em algumas instituições de ensino superior, notadamente a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) que foram as primeiras instituições públicas de ensino superior a adotarem reservas de vagas. OIV COPENE, realizado em Salvador capital da Bahia entre os dias 13 e 16 de setembro de 2006, teve como tema central “O Brasil Negro e Suas Africanidades: Produção e Transmissão de Conhecimentos”, com mais de 1200 participantes. O V COPENE apresentou o tema “Pensamento Negro e Antirracismo: Diferenciações e percursos”, atendeu a necessidade de contínua reflexão acerca da produção de intelectuais negros(as) em grande parte “invisíveis” na ciência brasileira e nas sociedades científicas, ainda que tenhamos indivíduos de renome internacional. O VI COPENE foi realizado do dia 26 a 29 de julho de 2010 no Rio de Janeiro com o tema “Afro-Diáspora, saberes pós-coloniais, poderes e movimentos sociais. O VII Copene foi realizado do dia 16 a 20 de julho de 2012 em Florianópolis com o tema “Os desafios da luta antirracista no século XXI”.

Atualmente a ABPN está sediada na Universidade Estadual de Santa Catarina, em Florianópolis e expressa em seu estatuto os seguintes objetivos:

- I- Congregar os Pesquisadores Negros Brasileiros
- II- Congregar os Pesquisadores que trabalham com temas de interesse direto das populações negras no Brasil
- III- Assistir e defender os interesses da ABPN e dos sócios, perante os poderes públicos em geral ou entidades autárquicas
- IV- Promover conferências, reuniões, cursos e debates no interesse da pesquisa sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil
- V- Possibilitar publicações de teses, dissertações, artigos, revistas de interesse direto das populações negras no Brasil

- VI- Manter intercâmbio com associações congêneres do país e do exterior. (ABPN, 2012)

A ABPN possui atualmente 1.852 filiados e pode ser considerada uma instituição que tem representado aqueles/as que conseguiram adentrar os espaços acadêmicos em uma sociedade plena de desigualdades de classe, raça e sexo como a brasileira. Em sua trajetória tem proporcionado um espaço organizativo e de rede para homens e mulheres, inclusive não negros(as), que pesquisam as questões raciais no Brasil.

Raça e Gênero nas Revistas Pagu e nas Revistas da ABPN

A revista *Cadernos Pagu* foi criada em 1993 pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Universidade Estadual de Campinas. O núcleo promove pesquisas interdisciplinares voltadas para a produção e disseminação do conhecimento em torno da problemática de gênero. Desta maneira, os *Cadernos Pagu* é um dos instrumentos utilizados para a divulgação destas pesquisas além de outras reflexões teórico-metodológicas, tornando-se referência no cenário nacional tratando-se da questão de gênero, contribuindo para as discussões acadêmicas na área. De caráter semestral, a edição mais recente é a de número 40, referente aos meses de janeiro a junho de 2013.

No levantamento inicial, três documentos foram selecionados dos *Cadernos Pagu*, o dossiê “História das Mulheres no Ocidente” de Michelle Perrot proveniente do caderno 4, de 1995, o artigo “Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade” de Nilma Lino Gomes da edição 6/7, de 1993 e o dossiê “Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo” de Maria Teresa Citeli, do caderno 15, publicado no ano 2000. Considerando a filiação à ABPN por parte das autoras, somente um artigo foi analisado, o de autoria de Nilma Lino Gomes.

O artigo analisado é intitulado “Educação, raça e gênero, relações imersas na alteridade” e investiga, através de uma pesquisa etnográfica, como o contexto escolar vivenciado por mulheres negras contribuiu para a reprodução do preconceito e da discriminação racial e de gênero e a interferência destes na prática pedagógica dessas mulheres.

A Revista da ABPN foi lançada em 2010 pela quarta diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. De periodicidade quadrimestral, a publicação tem como objetivo visibilizar as discussões sobre relações raciais e experiências de populações negras, a partir da produção de pesquisadores(as) negros(as) e não-negros(as) comprometidos(as) com a promoção de igualdade racial. A edição mais recente é a de número 10, referente aos meses de março a junho de 2013.

Foram encontrados apenas nove artigos que articulam raça e gênero em todas as edições da revista, o que mostra que, apesar de ter dedicado o primeiro número à questão de gênero, são poucos os artigos relacionados ao tema publicados neste período de três anos. Após a primeira seleção, cinco foram os artigos escolhidos ponderando a relevância para a pesquisa. Considerando a filiação à ABPN por parte dos autores, chegamos ao número final de quatro artigos que foram então analisados.

Artigos analisados	Autor/a	Edição da Revista da ABPN
Mulheres Negras, Ativismo e Produção de Conhecimento	Eliane dos Santos Cavalleiro	Volume 1, número 1 (mar-jun. 2010)
A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil	Kia Lilly Caldwell	Volume 1, número 1 (mar-jun. 2010)
Quando a identidade racial do pesquisador deve ser considerada: paridade e assimetria racial	Lia Vainer Schucman, Eliane Silvia Costa e Lourenço Cardoso	Volume 4, número 8 (jul-out. 2012)
Temas sobre o negro: uma análise da produção de conhecimento no Curriculum Lattes	Mirian Albuquerque Aquino, Sérgio Rodrigues de Santana, Leyde Klébia Rodrigues de Santana e Jobson Francisco da Silva Júnior	Volume 4, número 9 (nov. 2012–fev. 2013)

Dos quatro artigos, dois são do volume 1, número 1 da revista, referente aos meses de Março a Junho de 2010. O primeiro é “Mulheres Negras, Ativismo e Produção de Conhecimento” de Eliane dos Santos Cavalleiro e é uma entrevista com Michele Lopes da Silva que conta sobre sua pesquisa realizada no período de 2005 a 2007, no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais traçando as trajetórias de vida e política de seis mulheres negras militantes nos Movimentos Negro, Feminista e de Mulheres Negras da cidade de Belo Horizonte.

O segundo é “A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil” de Kia Lilly Caldwell que analisa o campo de estudos acadêmicos sobre a mulher negra no Brasil e nos Estados Unidos.

No artigo “Quando a identidade racial do pesquisador deve ser considerada: paridade e assimetria racial” de Lia Vainer Schucman, Eliane Silvia Costa e Lourenço Cardoso os autores demonstraram a partir de suas experiências que tanto a paridade racial quanto a assimetria racial na interação dos pesquisadores com os diferentes sujeitos nos estudos de relações raciais devem ser ponderados.

E o último artigo analisado da Revista da ABPN “Temas sobre o negro: uma análise da produção de conhecimento no Curriculum Lattes” de Mirian Albuquerque Aquino, Sérgio Rodrigues de Santana, Leyde Klébia Rodrigues de Santana e Jobson Francisco da Silva Júnior que, através de uma abordagem qualitativa, analisou o Curriculum Lattes - CNPq de pesquisadores de seis pós-graduações da UFPB procurando perceber a participação dos negros na produção do conhecimento.

Os textos de Gomes, Cavalleiro e Caldwell abordam de modo articulado de raça e gênero. Os três falam sobre o “ser mulher negra”, a construção da identidade de gênero e racial. Enquanto o texto de Gomes foca na trajetória de professoras negras no magistério, os textos de Cavalleiro e Caldwell refletem sobre a mulher negra na academia e a produção do conhecimento científico e de que maneira essa característica complexa de não apenas ser mulher, mas ser uma mulher negra

influi na posição de pesquisadoras através das relações raciais e de gênero construídas nos espaços acadêmicos.

Já os artigos de Lia Vainer Schucman, Eliane Silvia Costa e Lourenço Cardoso e de Mirian Albuquerque Aquino, Sérgio Rodrigues de Santana, Leyde Klébia Rodrigues de Santana e Jobson Francisco da Silva Júnior articulam raça e conhecimento científico com mais ênfase na metodologia de pesquisa e produção acadêmica construída por pesquisadores negros que tem relevância para nossa pesquisa quando questionamos o que e como as mulheres pesquisam.

Percebe-se que tanto nos Cadernos Pagu quanto na Revista da ABPN, a articulação entre as questões raciais e gênero ainda são pouco abordadas, porém esta temática se torna um tanto mais visível na Revista da ABPN do que nos Cadernos Pagu. Essa representatividade na Revista da ABPN pode ser entendida como uma afirmação das mulheres negras associadas frente aos desafios para as relações de gênero. Estas mulheres questionam as reivindicações provindas do Movimento Feminista que por vezes desconsideram as especificidades da articulação entre gênero e raça. Da mesma maneira, isto pode ser compreendido como uma demarcação de gênero das mulheres negras no Movimento Negro, que também por vezes desconsidera as questões de gênero na luta antirracista.

Fazendo Gênero e COPENEs: um olhar sobre as relações raciais e gênero em dois eventos

O Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as é um evento realizado bianualmente desde o ano 2000. A iniciativa nasceu da necessidade de efetuar um balanço da produção dos pesquisadores negros e negras e também de estudos que lidam com temáticas relacionadas às questões raciais. A seleção das comunicações apresentadas no Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as se iniciou através do exame do caderno de resumos da quinta edição, realizado em Goiânia em 2008. Inicialmente 15 trabalhos foram selecionados por tratarem de raça e gênero e o número foi reduzido para 10 ao retirarmos aquelas comunicações produzidas por pesquisadores não filiados à ABPN.

Comunicações analisadas	Autor/a
Mulheres negras em movimento: trajetórias socioespaciais no espaço urbano de Goiânia	Lorena Francisco de Souza e Alecsandro J. P. Ratts
A temática étnico-racial na Anped	Augusto Cesar Pedro
Feminismo negro no Brasil: problemas e perspectivas	Claudia Pons Cardoso
Educação e questão étnico-racial na pós-redemocratização: uma análise das associados ANPOCS e ANPED	Karina Almeida de Sousa
A figura do intelectual negro: linguagem, política e exclusão	Kassandra da Silva Muniz
As pesquisas sobre as relações raciais nas teses e dissertações nos Programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em educação – Brasil (1987-2006)	Katia Evangelista Regis
Interesses materiais ou reconhecimento moral: a luta de intelectuais negros(as) engajados(as) no Brasil atual	Leonardo Borges da Cruz
Mulheres negras e professoras no ensino superior: as histórias de vida que as constituíram	Maria Clareth Goncalves Reis

O silêncio da cor: a invisibilidade as mulheres negras nas políticas públicas	Regina Marques Parente
Relações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil: um estudo sobre as pesquisas apresentadas no Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros	Tatiane Izabela dos Reis

A primeira comunicação analisada é intitulada “Mulheres negras em movimento: trajetórias socioespaciais no espaço urbano de Goiânia” por Lorena Francisco de Souza e Alecsandro J. P. Ratts e reflete sobre a mobilidade espacial de mulheres negras professoras no espaço urbano de Goiânia, fazendo uma análise socioespacial através de uma leitura geográfica da segregação acarretada pela duplicidade de gênero e raça.

A segunda, “A temática étnico-racial na Anped” de Augusto Cesar Pedro, realizou um levantamento dos trabalhos apresentados nas Reuniões da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped) o sobre a quantidade de atividades produzidas que abordam as relações étnico-raciais e seus impactos nos mais variados âmbitos da educação.

“Feminismo negro no Brasil: problemas e perspectivas” é a comunicação de Claudia Pons Cardoso que debate a constituição de um pensamento feminista negro no Brasil buscando compreender o processo de independência dos movimentos negro e feminista branco.

“Educação e questão étnico-racial na pós-redemocratização: uma análise das associados ANPOCS e ANPED” de Karina Almeida de Sousa faz um balanço teórico analisando os grupos de trabalho das associações para perceber de que forma as organizações negras, no que diz respeito às reivindicações, influenciaram e influenciam o sistema educacional brasileiro e as políticas públicas educacionais.

“A figura do intelectual negro: linguagem, política e exclusão” de Kassandra da Silva Muniz parte de uma visão performativa da linguagem para analisar o movimento existente no espaço social-acadêmico que ao mesmo tempo em que “dá voz” aos sujeitos das margens, sempre visto como objetos de pesquisa, mas não como realizadores da mesma, os exclui.

O pôster intitulado “As pesquisas sobre as relações raciais nas teses e dissertações nos Programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação – Brasil (1987-2006)” de Katia Evangelista Regis debate, através de uma abordagem qualitativa, as questões tratadas em 168 teses de doutorado e dissertações de mestrado, defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, sobre as relações raciais e educação, tendo como base o banco de teses da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre os anos de 1987-2006.

“Interesses materiais ou reconhecimento moral: a luta de intelectuais negros(as) engajados(as) no Brasil atual” de Leonardo Borges da Cruz observa o fenômeno da intelectualização do movimento negro nos últimos vinte anos através da reconstrução de trajetórias de intelectuais negros(as) engajados na questão racial.

O estudo “Mulheres negras e professoras no ensino superior: as histórias de vida que as constituíram” de Maria Clareth Goncalves Reis busca compreender os processos de construção de identidades raciais de professoras negras atuantes no ensino superior através de uma abordagem qualitativa utilizando entrevistas de histórias de vida para construir as trajetórias das professoras.

“O silêncio da cor: a invisibilidade as mulheres negras nas políticas públicas” de Regina Marques Parente observa como se dão as representações culturais de mulheres negras através da análise de programas e projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Políticas Públicas para o Povo Negro e o Núcleo de Políticas Públicas para as Mulheres, ambos da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre.

E “Relações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil: um estudo sobre as pesquisas apresentadas no Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros” de Tatiane Izabela dos Reis, a última comunicação selecionada do V COPENE, analisa as pesquisas e experiências apresentadas nas quatro edições do Congresso Nacional de Pesquisadores Negros referentes a produções literárias destinadas ao público infanto-juvenil.

O Seminário Internacional Fazendo Gênero é um evento bianual que se iniciou como uma ação do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina em 1994 possibilitando debates interdisciplinares sobre a questão de gênero. A interdisciplinaridade foi tema da segunda edição que reuniu cerca de 400 pesquisadoras(es) no ano de 1996 no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. A terceira edição, que ocorreu entre 13 e 15 de maio de 1998, o Centro de Ciências da Saúde da UFSC sediou o encontro onde Saúde e Gênero foi o tema principal. O seminário caracterizou-se como um evento internacional a partir da quarta edição, no ano 2000, cujo tema fora Cultura, Política e Sexualidade no Século XXI. A quinta edição, em 2002, discutiu o papel feminismo na política contemporânea. A Área de Concentração Estudos de Gênero do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC ajudou na execução da sexta edição que debateu desafios acadêmicos relacionados ao tema central, Fazeres Globais/Saberes Locais. Na sétima edição tinha como tema Gênero e Preconceitos e foi realizada em agosto de 2006. Modificou-se o formato de apresentação de comunicações orais, que passaram a ser agrupadas em Simpósios Temáticos, agregando pesquisadoras(es) de temas específicos. Foram 55 Simpósios Temáticos nesta edição, com cerca de 3.000 participantes inscritos. A oitava edição, realizada em agosto de 2008, tinha como tema Corpo, Violência e Poder.

A nona edição foi realizada dos dias 23 a 26 de agosto de 2010 e tinha como tema “Diásporas, diversidades e deslocamentos” que abordava a mobilidade global contemporânea focalizando, especialmente, os desafios e lutas que transcorrem muitas das experiências de indivíduos e grupos inseridos nesses fluxos. A edição mais recente é a décima, realizada no ano de 2013 tendo como tema os “Desafios Atuais dos Feminismos” que foi debatido pelos 5.000 inscritos divididos nos 115 Simpósios Temáticos oferecidos.

A comunicação analisada vem da nona edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero e era integrante do simpósio temático Mulheres negras e suas diversas formas de organização nos contextos urbano e rural no Brasil, “Trajetórias, narrativas e protagonismo de intelectuais/ativistas

negras: um estudo de organizações de mulheres negras no Brasil, a experiência do Geledés e da Criola” de Lady Christina de Almeida pesquisa as duas principais organizações de mulheres negras no Brasil, Geledés de São Paulo e Criola do Rio de Janeiro, a partir do estudo da trajetória de suas lideranças buscando compreender as várias formas de organização, representação e atuação destas.

A maior parte das comunicações selecionadas em ambos os eventos trata do negro na academia e de que maneira as pesquisas produzidas por eles afetam diversos âmbitos da sociedade. Os trabalhos em que a questão de gênero está mais diretamente articulada com a questão racial e de produção de conhecimento, como nas comunicações de Lady Christina de Almeida, Regina Marques Parente, Maria Clareth Goncalves Reis e Claudia Pons Cardoso fica clara a proximidade da atuação acadêmica e a militância das mulheres retratadas em suas pesquisas. Percebemos também um considerável número de trabalhos utilizando o método de História de Vida, construindo assim articulações entre a trajetória individual desta mulher e a trajetória social de todo um grupo, ao partir do particular para o geral.

Totaliza-se então, dentre as revistas *Cadernos Pagu* e a *Revista da ABPN* e os eventos *Fazendo Gênero* (nona edição) e *COPENE* (quinta edição) pesquisados, 18 pesquisadoras(es) filiados à ABPN foram selecionados e suas produções analisadas.

A partir da seleção dos pesquisadores filiados à ABPN construiu-se um perfil. Considerando o sexo, 80% são mulheres. Isso demonstra que a produção científica pode ser neste caso, um reflexo da relação entre o movimento feminista e a academia. Resistindo assim à hegemonia masculina e buscando formas de inserção em espaços públicos, visibilizando a participação da mulher na construção do conhecimento científico e se apropriando de ferramentas para não apenas causar, mas, protagonizar mudanças sociais nas relações de gênero.

30% são as pesquisas na área da Educação, 20% na Antropologia, 15% na Sociologia, 10% na Linguística e Ciência da Informação, Psicologia e Geografia com 5% cada uma. Nos bancos de dados analisados, áreas como as Ciências da Saúde ainda não priorizam a mulher negra, tanto como pesquisadora quanto como objeto de estudo. O fato de que as ciências humanas, ciências sociais aplicadas e linguística são áreas que tem “menos prestígio” no universo acadêmico, segundo aqueles que oferecem resistência para o acesso destas pesquisadoras, pode explicar o predomínio das pesquisas nessas áreas. Essa cognição das pesquisas realizadas por cientistas com o feminismo também explica porque a maioria das(os) selecionadas(os) atua no campo das ciências humanas.

Quanto ao local de atuação, a maioria das pesquisadoras se concentra na região sudeste (60%), especialmente no estado de São Paulo; 20% se localizam na região Nordeste, 10% na região Centro-Oeste, 5% na região Sul e 5% se localizam fora do país (EUA). Nesta amostra, nenhum(a) pesquisador(a) atuando na região Norte foi selecionado(a).

Foi possível perceber nesse exercício que a maioria dos trabalhos selecionados pertence ao campo das Ciências Humanas (85%). O fato de a maioria das pesquisas ser desta área justifica-se pelo fato de 55,45% dos associados à ABPN serem desta área de formação. A proporcionalidade persiste nas demais áreas subsequentes em números de pesquisadores: a área de Linguística, Letras

e Artes que segue as Ciências Humanas em área de maior atuação dos associados à ABPN (14,12%), também é a segunda área com maior número de pesquisas analisadas neste exercício (10%), seguida pelas Ciências Sociais Aplicadas com 12,26% da totalidade de associados e 5% na amostragem analisada. Por outro lado, ficou evidenciada a ausência de resultados no campo de Ciências da Saúde, especialmente nas áreas de Educação Física, Medicina e Enfermagem, que, apesar de possuir 3,89% do total dos associados, não possuem proventos abundantes na amostra. Outro campo sem resultados, porém com um número considerável de associados (9,81%) é a área das Engenharias (ABPN, 2012). Uma das possíveis causas poderia ser uma elitização ainda resistente institucionalmente nos campos das ciências da saúde e engenharias em relação às questões raciais. Outro possível fator seria a negligência por parte de setores de pesquisadores da citada área em relação às mulheres negras. Ainda há um terceiro fator referente à de que maneira são divulgados os trabalhos de tais áreas, talvez ainda restritos a ambientes próprios.

Não é surpresa o fato de que as mulheres são a maioria das autoras em nossa amostra. Além do fator já levantado referente à proximidade entre feminismo e as mulheres pesquisadoras, também existem as pesquisas que buscam trazer reconhecimento às mulheres através da documentação de suas trajetórias de vida, num processo de empoderamento coletivo ao recusar a afirmativa vinda de alguns setores da academia de que a ciência é feita somente pelo homem branco. Ademais, as Ciências Humanas têm essa característica de maior proximidade entre pesquisador e objeto, de forma que não é de se estranhar o elevado número de mulheres negras pesquisando mulheres negras, refletindo as especificidades das demandas destas pesquisadoras que ainda não são supridas pela produção científica hegemônica.

A concentração de estudos na região Sudeste do pode ser explicada pela forte atuação de organizações do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e em São Paulo, visando instrumentalizar mulheres negras para transformá-las em agentes de transformação da sociedade⁵. Além das organizações da sociedade civil, a constituição no âmbito das universidades de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs), núcleos sobre estudos de gênero e feministas ou grupos correlatos também potencializam a produção acadêmica na região.

Esse artigo é um exercício ainda inicial sobre as questões de raça e gênero na ABPN. O que aqui se apresentam são algumas notas introdutórias sobre a produção acadêmica observada nos eventos Fazendo Gênero e COPENE e nas publicações Cadernos Pagu e Revista da ABPN desenvolvida pelos/as associados/as referentes à raça e gênero. O que se deseja é contribuir com a visibilidade da produção acadêmica das pesquisadoras negras e fortalecer estudos sobre relações raciais e de gênero.

⁵ A título de exemplo cita-se a ONG Criola criada no Rio de Janeiro em 1992 e a ONG Geledés criada em São Paulo em 1988.

Referências

ALMEIDA, Lady. Trajetórias, narrativas e protagonismo de intelectuais/ativistas negras: um estudo de organizações de mulheres negras no Brasil, a experiência do Geledés e da Criola. In: *Fazendo Gênero*, 9, 2010. Florianópolis. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278264515_ARQUIVO_textofazendogenero_formulario.pdf>. Acesso em: 24 Set. 2013.

AQUINO, Mirian, DE SANTANA, Sérgio, DE SANTANA, Leyde, JÚNIOR, Jobson. Temas sobre o negro: uma análise da produção de conhecimento no Curriculum Lattes. *Revista da ABPN*, volume 4, número 9, nov. 2012 – fev. 2013. Disponível em:

<<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/345>>. Acesso em: 24 Set. 2013.

BEGHIN, Nathalie; JACCOUD, Luciana. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*, Brasília, IPEA, 2002.

CALDWELL, Kia. A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, mar./jun. de 2010. Disponível em:

<<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/21>>. Acesso em: 24 Set. 2013.

CAVALLEIRO, Eliane. Mulheres Negras, Ativismo e Produção de Conhecimento: uma Conversa com Michele Lopes da Silva. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, mar./jun. de 2010. Disponível em:

<<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/31/38>>. Acesso em: 24 Set. 2013.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS. *Caderno de Resumos*. Goiânia, GO. NEAAD/UFG, 2008. 217p.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. *Cadernos Pagu: raça e gênero*, Campinas: Unicamp, v. 6-7, p. 67-82, 1996.

OLIVA, Alberto. *Filosofia da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PASSOS, Joana Celia dos; CRUZ, Tânia Mara; COSENTINO, Tatiane. *Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN): a participação das pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico*. Tubarão: UNISUL:UFSC:UFSCAR, 2012. (Projeto de pesquisa) (Mimeo).

SANTOS, Sales Augusto dos. *A Metamorfose de militantes negros em negros intelectuais*. Mosaico (Rio de Janeiro), v. 5, p. 1-25, 2011.

SCHUCMAN, Lia, COSTA, Eliane, CARDOSO, Lourenço. Quando a identidade racial do pesquisador deve ser considerada: paridade e assimetria racial. *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, jul./out. de 2012. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/344>>. Acesso em: 24 Set. 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Intelectualidade Negra e Pesquisa Científica*. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 1. 64p.